

Masterclasse de Cinema e Música

Lauro António e Teresa da Palma  
Pereira

VIDAS COM MÚSICA



Sessão 1 – 21 de Setembro de 2017 | SONATA PARA PIANO N.º 21, Op. 53 (“Waldstein”),  
de Beethoven, por Teresa da Palma Pereira | CORRIGINDO BETHOVEN (2006)



Se há certezas antecipadas quando se assiste a um filme baseado na vida de um grande compositor, elas são seguramente de dois tipos. A primeira, é que a banda sonora será excelente, já que normalmente se agarra às obras do compositor em causa e as suga; a segunda é que é melhor não acreditar em quase nada do que se vê, pois normalmente os argumentistas e realizadores são de uma imaginação portentosa e ficcionam vidas reais tornando-as fantasias mercê de liberdades poéticas que por vezes alienam a compreensão do que pretendem contar ou explicar. Por exemplo, em “Corrigindo Beethoven”, vamos assistir ao último ano de vida do genial e irascível Beethoven, acompanhamos a criação da Nona Sinfonia, assistimos à sua morte, mas os argumentistas resolveram criar uma personagem feminina, uma tal Anna Holtz, estudante de composição, primeira do seu curso, que a academia envia ao músico porque este precisava de quem lhe copiasse com rigor as pautas que ele ia rabiscando. Parece que Beethoven teve muitos ajudantes ao longo da vida, mas nenhum era mulher e se chamava Anna Holtz, muito menos que o confortasse antes da morte, nem que lhe despejasse os chamados vasos de noite, ou que lhe limpasse a casa, infestada por ratos. A aparição desta fantasiosa personagem implica graves distorções históricas, nomeadamente ao nível da condição feminina, mas igualmente em relação ao retrato psicológico de Beethoven, e também quanto a aspectos relacionados com os últimos tempos da sua vida. Muito mais solitária do que aquela que se supõe na companhia da simpática e prestável Anna Holtz.

Não sendo eu um especialista em música, nem um conhecedor profundo da vida e obra de Beethoven, algo posso, porém, afirmar em relação a esta adaptação: quase tudo é forjado e meia dúzia de anotações podem sugerir alguma verdade: apanhar um coche que passa numa rua de Viena, como quem apanha um táxi a meio da noite numa qualquer avenida de uma cidade da actualidade é apenas um facto anedótico. Mas dizer que Beethoven dirigiu a Nona com a Anna Holtz a antecipar-lhe os gestos é um erro grosseiro. Sabe-se que Beethoven esteve presente e não conduziu a orquestra. Já é verdade que pensou que ninguém tinha aderido à Nona antes de se virar de frente para o público, que aplaudia em delírio. Erros grosseiros são muitos e alguma

desta “liberdade poética” se poderia desculpar ou compreender, se a obra possuísse um folego artístico indelével. Não é, infelizmente, o caso.

Agnieszka Holland, a realizadora, nascida a 28 de Novembro de 1948, em Varsóvia, Polónia, não teve muita inspiração nesta sua incursão pelo mundo da música. O seu filme é académico, com alguns rodruquinhos para camuflar a falta de imaginação e inclusive de sensibilidade. Uma montagem movimentada pode não significar nada quando tudo o mais parece não colar bem. Julgo existirem vários erros cronológicos, anacronismos, e demais falhas. A interpretação é por vezes caricatural, o Beethoven de Ed Harris não prolonga a qualidade e o rigor de outros trabalhos anteriores do mesmo actor, como “Apollo 13”, “Poder Absoluto”, “The Truman Show - A Vida em Directo”, “Pollock”, “Uma Mente Brilhante”, “As Horas” ou “Uma História de Violência”, para só citar alguns. A bonita alemã Diane Kruger também não foi favorecida com o papel que lhe coube, ainda que cumpra sem nada acrescentar à sua carreira.

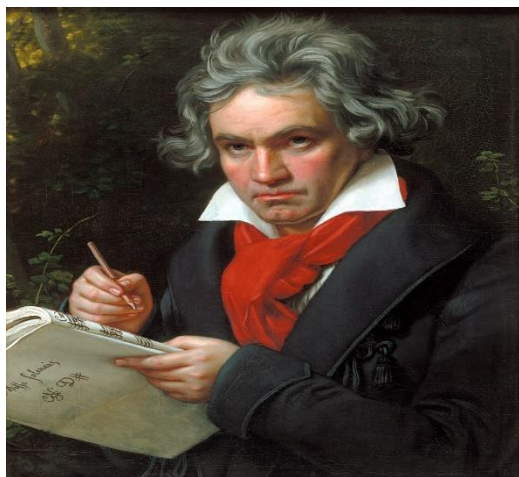
Igualmente Agnieszka Holland, que teve um importante papel, juntamente com outros cineastas polacos, na modernização da cinematografia polaca e mesmo nas mudanças políticas ocorridas no seu país, não se encontra à altura de alguns filmes seus anteriores, sobretudo dos anos 90, que surpreenderam pela positiva: “Europa, Europa”, “Jardim Secreto”, “Eclipse Total” ou “Washington Square”.

Fica a recordação de Beethoven, a vontade de conhecer a sua verdadeira história e excertos da Nona tocados e cantados para deleite dos apreciadores.

### **CORRIGINDO BEETHOVEN**

**Título original:** Copying Beethoven

**Realização:** Agnieszka Holland (EUA, Alemanha, Hungria, 2006); **Argumento:** Stephen J. Rivele, Christopher Wilkinson; **Produção:** Ernst Goldschmidt, Marina Grasic, Andreas Grosch, Sidney Kimmel, Jan Korbelin, Alex Lewis, Péter Miskolczi, Stephen J. Rivele, Andreas Schmid, Michael Taylor, Bruce Toll, Ronaldo Vasconcellos, Gábor Váradi, Bruce Webb, Christopher Wilkinson; **Música:** Ludwig van Beethoven; **Fotografia (cor):** Ashley Rowe; **Montagem:** Alex Mackie; **Casting:** Priscilla John; **Design de produção:** Caroline Amies; **Direcção artística:** Paul Ghirardani, Lóránt Jávör; **Decoração:** Zoltán Horváth; **Guarda-roupa:** Jany Temime; **Maquilhagem:** Trefor Proud; **Direcção de Produção:** Stephen Barker, Kerstin Dyroff, Veronika Megyeri, Maria Ungor; **Assistentes de realização:** Kasia Adamik, Vera Janisch, Bryn Lawrence, Bogi Móricz, Alex Oakley, Matthew Penry-Davey, Tamás Vass; **Som:** Arthur Fenn, Tim Hands, Simon Hayes, Adrian Rhodes, Brian Seagrave, Jack Stew, Ruth Sullivan, Hilary Wyatt; **Efeitos especiais:** Ferenc Ormos; **Efeitos visuais:** James Clarke, Guy Ducker, Alasdair MacCuish, Adrian Oostergetel, Howard Watkins; **Companhias de produção:** Sidney Kimmel Entertainment Myriad Pictures, VIP 2 Medienfonds, Copying Beethoven, Eurofilm Stúdió, Anomaly Entertainment, Copying Beethoven, Metro-Goldwyn-Mayer; **Intérpretes:** Ed Harris (Ludwig van Beethoven), Diane Kruger (Anna Holtz), Ralph Riach (Wenzel Schlemmer), Matyelok Gibbs (velha), Bill Stewart (Rudy), Angus Barnett (Krenski), Viktoria Dihen (Magda), Phyllida Law (Mãe Canisius), Matthew Goode (Martin Bauer), Gábor Bohus (Schuppanzigh), Joe Anderson (Karl van Beethoven), David Kennedy, Karl Johnson, George Mendel, Nicholas Jones, László Áron, e os cantores líricos Márta Hainfart, János Klézli, Krisztina Kuti, Péter Szondi, etc. **Duração:** 104 minutos; **Distribuição em Portugal (DVD):** LNK; **Classificação etária:** M/ 12 anos; **Data de estreia em Portugal:** 16 de Novembro de 2006.



### **BEETHOVEN NO CINEMA**

Ludwig van Beethoven tem sido alvo de várias adaptações da sua vida e obra no cinema. Nem sempre muito felizes, algumas ainda assim bem interessantes, de um ponto de vista cinematográfico. Basta citar “Un grand amour de Beethoven” (O Grande Amor de Beethoven), de Abel Gance (1936), com Harry Baur.

Outros títulos:

“Das Leben des Beethoven” (Beethoven), de Hans Otto (Alemanha, 1927), com Fritz Kortner; “Eroica”, de Walter Kolm-Veltée (Austria, 1949), com Ewald Balsler; “Ludwig van Beethoven”, de Max Jaap (RDA, 1954). (Documentário); “The Magnificent Rebel”, Georg Tressler (EUA, 1962), com Karlheinz Böhm, uma produção, em duas partes, de Walt Disney; “Immortal Beloved” (Paixão

Imortal), de Bernard Rose (Inglaterra, EUA, 1994), com Gary Oldman; Mauricio Kagel, compositor e realizador, dirigiu em 1970 (Austria, RFA), dois documentários sobre Beethoven: “Ludwig van” e “Ludwig van Beethoven”, com Felix Felton; “Beethoven – Days in a Life”, de Horst Seemann (RDA, 1976), com Donatas Banionis; “Beethoven Lives Upstairs”, de David Devine (Canadá, 1992), com Neil Munro; “Immortal Beloved” (Paixão Imortal), de Bernard Rose (Inglaterra, EUA, 1994), com Gary Oldman; “Eroica”, de Simon Cellan Jones (Inglaterra, 2003), com Peter Hanson (para TV); “Copying Beethoven” (Corrigindo Beethoven), de Agnieszka Holland (Polónia, Áustria, Alemanha, 2006), com Ed Harris; “In Search of Beethoven”, de Phil Grabsky (Inglaterra, 2009) (que afiançam ser o melhor documentário até hoje realizado sobre Beethoven).

Texto de Lauro António